

METODOLOGIA

HISTÓRIA E CRÍTICA DA HISTÓRIA ECONÔMICA QUANTITATIVA.

JOSÉ JOBSON DE A. ARRUDA

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O progresso da mentalidade quantitativa, do sentido da precisão, está intimamente relacionado ao processo de desenvolvimento do sistema capitalista. O sistema feudal prescindia desta qualidade, tendo-se em vista o caráter auto-suficiente da sua economia.

Com o renascimento comercial e urbano na Europa Ocidental, por volta do século XII, ocorrem as primeiras manifestações do espírito quantitativo, exteriorizadas na criação de escolas para mercadores, com a finalidade de instruí-los para a vida comercial (1).

Quanto mais complexa se torna a vida mercantil, mais indispensável se torna o domínio das técnicas mercantis. A cultura e a mentalidade se laicizam. O movimento universitário é a expressão candente da nova forma de vida que emerge da transformação do sistema feudal e do desenvolvimento do sistema capitalista (2). Esta nova mentalidade poderia ser surpreendida em vários níveis: compras e vendas de mercadorias, o empréstimo a juros, a técnica do câmbio, as letras de feira e de câmbio, a escamoteação da usura pelo *Trinus Contractus*, e, principalmente, a contabilidade na sua forma mais acabada e desenvolvida das partidas dobradas (3).

(1). — PIRENNE (H.), *História Econômica e Social da Idade Média*. Trad. port., São Paulo, 1963, p. 129.

(2). — RASHDALL (H.), *The Universities of Europe in the Middle Ages*. 1951, London.

(3). — BARRE (R.), "La 'rationalisation' de l'activité économique est favorisée par le développement de la comptabilité, dont un moine franciscain, Pacioli, publie le premier traité en 1494. (Détails sur la comptabilité et la tenue des livres)." In *Economie Politique*, Paris, 1956, I V., p. 64.

Dentre as várias características (4) que poderíamos apontar no novo sistema econômico: produção para mercado, trocas monetárias, relações assalariadas de produção, Max Weber salienta o seu caráter racional (5). Este elemento predominante no capitalismo transparece na ética de vida do empresário capitalista (6) e na organização da empresa dominada pelo cálculo contábil (7).

Não poderíamos nos esquecer de que por trás desta atitude racional está a preocupação em lucrar, a obsessão pela acumulação, que conduz à prática racional, tanto ao nível da organização quando da ética empresarial (8).

Se o desenvolvimento do capitalismo é acompanhado por um aumento considerável no universo da precisão, também é válido dizer que o sistema feudal, em fase de transformação, foi caracterizado pela imprecisão. É o universo do “mais ou menos”, números não contam, a idade não se precisa, a vivência temporal é limitada, o grande objetivo é a salvação. Relógios não existem, as unidades do dia se contam pelas pausas para as orações, e, a noite, pelas vigílias. O sino das igrejas marca o compasso das tarefas diárias e as estações do ano, o ritmo lento da vida (9).

O tempo é, portanto, lento e longo; também não se mede e não se conta com precisão. Mas o capitalismo exige precisão. Números precisos para calcular o capital acumulado e os juros. Distâncias precisas para não perder tempo. Até mesmo os tradicionais algarismos romanos não mais se prestavam aos novos propósitos. Os algarismos arábicos, sim, adequavam-se perfeitamente à contabilidade complicada e minudente das partidas dobradas. Pode-se perfeitamente acompanhar o grau de desenvolvimento do espírito racional, da preocupação com o cálculo, pela difusão dos algarismos arábicos nos textos escritos. Trata-se de um trabalho paciente de erudição. Contar quantas vezes num texto do século XIII ou XV um determina-

(4). — RUIZ-MARTIN (Felipe), “Formations et Structures du Capitalisme (du 15e au 18e Siècle)”, In: *Fourth International Conference of Economic History*. Bloomington 1968. Paris, Mouton, 1973, p. 7-17.

(5). — WEBER (M.), *História Econômica Geral*, 4a. ed., Trad. esp. México, 1964, p. 298.

(6). — WEBER (M.), *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad. port., São Paulo, 1967.

(7). — WEBER (M.), *Economia y Sociedad*, 2a. ed., Trad. esp., México, 1969, pp. 43, 53, 73, 353, 385.

(8). — SOMBART (W.), *El Apogeo del Capitalismo*. Trad. esp., México, 1946, p. 50.

(9). — FEBVRE (L.), *El Problema de la Incredulidad en el Siglo XVI: la Religión de Rabelais*. Trad. esp., México 1959, pp. 341 e segs.

do número aparece por extenso, em algarismos romanos, ou em algarismos arábicos. Entretanto, percebe-se nitidamente que, na proporção do desenvolvimento das atividades mercantis, intensifica-se a adoção dos algarismos arábicos, muito mais práticos, muito mais adaptados ao comércio, ao universo da precisão. São, pois, as classes sociais ligadas às atividades comerciais que mais se utilizam destes algarismos (10).

É bem verdade que o mundo do “mais ou menos” não terminou abruptamente. Nem o universo da precisão definiu a sua hegemonia no século XVI. Este processo seria lento. É o próprio processo de transformação estrutural que se verifica na passagem do feudalismo ao capitalismo (11). Já o capitalismo é a economia motora, mas o feudalismo ainda subsiste nas áreas mais afastadas do centro dinâmico. Isto explica porque os dados não são ainda precisos. Cometem-se muitos erros que dificultam o trabalho do pesquisador, principalmente dos pesquisadores de dados quantitativos, que precisam de séries numéricas contínuas (12).

Somente a propensão ao quantitativo, que viria a ser o traço característico do mundo contemporâneo, explica a preocupação de substituir o calendário impreciso, em vigor desde o Império Romano, por um calendário novo, bem mais preciso, do qual nos servimos até hoje (13).

Isto explica a razão de ter sido nas áreas onde o capitalismo era mais avançado na época moderna, a ocorrência das primeiras séries estatísticas, manifestação concreta do sentido de precisão. Não é por acaso que uma das séries mais antigas surgiu em Veneza, no

(10). — Cf. CARVALHO (J.B. de), “Sur l'Introduction et la Diffusion de Chiffres Arabes au Portugal”. In: *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*. 1957, v. XX, et pas.

Idem, “A Mentalidade, o Tempo e os Grupos Sociais (Um exemplo português da época das descobertas: Gomes Eanes de Zurara e Valentim Fernandes)”. *Revista de História*. 1953, v. IV, nº 15, p. 48.

(11). — O século XV e XVI vê nascer a economia com dimensões mundiais. Cf. WALLERSTEIN (Immanuel), *The Modern World System*. New York Academic Press, 1974. p. 3.

(12). — NEF (J.U.), *Fundamentos Culturales de la Civilización Industrial*. Trad. esp., Buenos Aires, 1964, p. 33.

(13). — “Não indica este prodigioso avanço da exatidão um imenso esforço intelectual e administrativo? Não se obtém este tipo de coisas porque um número crescente de pessoas sentem o desejo de fazê-las de forma suficientemente intensa?” NEF (J.U.), *Obra citada*, pp. 31-32. *Idem*, *La Conquista del Mundo Material*. Trad. esp., Buenos Aires, 1969, p. 288.

ano de 1595. Continua os preços mínimos, médios e máximos, válidos para Udine, no período de 1500 a 1593. O autor, um dos precursores da elaboração estatística, chamava-se Jacopo Stainero, e a sua obra *La Patria del Friuli Restaurata* (14).

Outras séries, bem mais elaboradas, surgiram posteriormente. Destaque para os ingleses Thomas Tooke (1774-1858) e um comerciante londrino J. E. Thorold Rogers (1823-1890). O primeiro começou suas séries numéricas em 1793 e o segundo em 1258, com a intenção de chegar até 1793. Tiraram inclusive algumas conclusões teóricas dos seus levantamentos estatísticos. Tooke pretendia mostrar que as secas fizeram crescer os preços de 1793 a 1819, muito mais do que a guerra ou as mudanças monetárias (15).

Na Alemanha salientaríamos Georg Wiebe. Na França, o abade Hannauer e o famoso d'Avenel, além de muitos outros que seria fastidioso enumerar (16), sem esgotar completamente o manancial, porque outros mais podem ainda ser encontrados com o progresso da pesquisa arquivística (17).

Da formação de séries estatísticas chegou-se, no último quarto do século XVII, na Inglaterra, ao estabelecimento de um balanço, que poderia ser chamado, segundo Davenant, riqueza ou estoque nacional. Enquanto isso, na França e em vários outros países europeus, buscava-se uma forma de realizar o rendimento nacional, de regularizar a cobrança dos impostos e equilibrar os orçamentos fantasiosos (18).

Os levantamentos estatísticos realizados por estes estudiosos se tornaram fundamentais para a análise do crescimento econômico da Europa durante a época moderna (19).

(14). — ROMANO (R.), "Storia dei Prezzi e Storia Economica". *Rivista Storica Italiana*. 1963, v. LXXV, nº 2, p. 239.

(15). — GRAS (N.S.B.), "The Rise and Development of Economic History". *The Economic History Review*. 1927, v. I, nº 1, p. 19.

(16). — Cf. SIMIAND (F.), *Recherches Anciennes et Nouvelles sur le Mouvement Général des Prix du XVIe au XIXe Siècle*. Paris, 1932, pp. 70-78.

(17). — Cf. BOUSQUET (G. H.), "Un Précurseur Totalement Inconnu de l'Étude Mathématique du Revenu National: Joseph Lang". *Revue Économique*, 1959, v. 10, nº 2, p. 268-274.

(18). — SILVA (J.G. da), "Calculs Retrospectifs du Produit". Tirage à part de la *Revue Suisse d'Histoire*, 1965, v. XV, nº 1, p. 4.

(19). — LANDES (David), "Las Estadísticas como Fuente para la Historia del Desarrollo Económico de Europa Occidental". In: *Las Dimensiones del Pasado*. Madrid, 1974. Alianza Editorial, pp. 18-68.

Mas pegadas de José C. da Silva, podemos afirmar que a contabilidade nacional tem sua origem no século XIX, apenas para um reduzido número de nações; para outros durante a Primeira Guerra Mundial; para um número mais destacado, entre 1930 e 1939; o resto do mundo, somente depois de 1945 (20).

Foi principalmente a crise econômica de 1929, com suas repercussões mundiais, abalando principalmente os países capitalistas muito desenvolvidos, que advertiu os governos nacionais da necessidade de controle mais sistemático das economias nacionais que pudessem evitar catástrofes semelhantes. Para tanto, organismos governamentais foram criados com o definido propósito de arregimentar dados capazes de definir a conjuntura, verdadeiros termômetros da economia. É exatamente neste momento que o estudo das conjunturas passadas ganha significado. O estudo das crises *passadas* poderia ajudar a prevenir as crises futuras. Nos Estados Unidos, extraordinariamente sujeitos a crises (21), a publicação estatística ganhou relevo impar, estimulando, por decorrência, os estudos de História Econômica com base estatística (22).

Do despertar da mentalidade quantitativa às primeiras séries numéricas, da riqueza à contabilidade nacional (23), como se comportaram os historiadores da economia face aos dados numéricos? Como evoluiu a História Econômica no sentido da História Quantitativa? E qual a sua postura diante dos dados?

A História Econômica sempre foi um segmento da História das Civilizações, confundida e explicada pela História Política, Religiosa ou Institucional. Na época do capitalismo comercial, os fatos econômicos ganharam realce a ponto de constituir-se em matéria suficientemente importante para ser tratada à parte, como unidade autônoma. Como decorrência, a História Econômica confundiu-se com a Histó-

(20). — *Idem, Ibidem* — Especificando, teríamos: Reino Unido, em 1855; Inglaterra, em 1801; Alemanha, em 1851-1860; Itália, em 1861; Suécia, em 1861; Noruega, em 1865; Dinamarca, em 1870; completam o grupo com longa tradição de estatística nacional. Outras nações anglo-saxônicas são incluídas: Estados Unidos, em 1799-1850; Austrália, em 1861 e Canadá, em 1870. O Japão, em 1878 e a França, em 1892. Na Suíça, havia estimação com base no rendimento individual, desde 1874. No século XX, se incorporaram Hungria, Argentina, Países Baixos e Espanha, pp. 14-17.

(21). — SAMUELSON (P.A.), *Introdução à Análise Econômica*. 7a. ed., Trad. port., Rio de Janeiro, 1971, pp. 378.

(22). — NORTH (D.), "Quantitative Research in Economic History". *The American Economic Review*, 1963, v. LIII, nº 1, p. 128.

(23). — SILVA (J.G. da), "Calculs Retrospectifs du Produit". *Revue Suisse d'Histoire*. 1965, v. XV, nº 1, p. 5.

ria do Comércio e, portanto, das Navegações Marítimas (24), como se vê na *An Historical and Chronological Deduction of the Origin of Commerce*, de Adam Anderson.

A Revolução Industrial e as transformações ocorridas na agricultura, no final do século XVIII, reorientaram os trabalhos de História Econômica. Isto leva V. M. Godinho a dizer que:

“Se os temas mercantis estiveram longo tempo no âmago da História Econômica, e isso devido ao surto e papel político do capitalismo comercial, é talvez na segunda metade do século ... XVII que despontam as primeiras tentativas de remontar a períodos transcorridos no que respeita também a outros aspectos da vida econômica e às suas linhas gerais” (25).

Por volta de 1840, a História Econômica adquire os primeiros delineamentos. Faltavam, contudo, dois traços essenciais: introduzir o sentido histórico na economia e marcar a importância dos fatos econômicos no conjunto da História (26). A década de 1879 a 1888 viu a História Econômica atingir sua maturidade e independência (27).

Para tanto, foi necessário um verdadeiro encontro entre a História e a Economia, do qual surgiria a História Econômica, em que os economistas deixariam de criticar os historiadores que fazem seus esquemas sobre os documentos, sem tomarem conta do seu próprio isolamento, do seu deserto de abstrações, sem vida (28).

A partir de então a História Econômica passou a sofrer numerosas e benéficas influências. A primeira veio do marxismo, que permitiu uma integração entre análise econômica e explicação histórica dos acontecimentos. A segunda, da escola histórica alemã da economia política, para a qual, ao contrário da escola clássica, não existem leis universais, e sim conjuntos, estruturas, que só têm validade no interior dos sistemas econômicos. O que importa não é o universal e sim o específico. A História deve se preocupar com as contingências definidas no tempo e no espaço (29).

(24). — GRAS (N.S.B.), “The rise and development of Economic History”. *The Economic History Review*, 1927, v. I, nº 1, p. 16.

(25). — GODINHO (V. M.), *Introdução à História Econômica*, Lisboa, (s.d.), pp. 15-16.

(26). — *Idem*, *Obra citada*, pág. 17.

(27). — GRAS (N.S.B.), *Artigo citado*, p. 20.

(28). — MARCHAL (A.), “Economistes et Historiens”. *Revue Économique*. Mai 1950, p. 7.

(29). — SOMBART (W.), “Economic Theory and Economic History”. *The Economic History Review*. 1929, v. II, nº 1, p. 15.

Da conjugação resultante destas duas tendências, escola histórica alemã e marxismo, emerge a terceira influência, que utiliza o aparelho de análise marxista e certas posturas da escola histórica alemã na elaboração do instrumental de análise, técnicas e conceitos, inexistentes até então (30). Esta mistura heterogênea de Marx, Schmoller, Simiand, provoca reações químicas que levam a uma mutação decisiva, a uma crise da consciência histórica, da qual a criação dos *Annales* em 1929 foi o símbolo (31). Muitos dos historiadores celebrados até hoje são o fruto deste momento: H. Séé, H. Hauser, L. Febvre, Mathiez, G. Lefebvre e E. Labrousse (32).

Neste momento, uma coincidência feliz. Afinava-se o instrumental de análise quando a crise de 1929 despertou os historiadores para o estudo dos ciclos ou das flutuações econômicas (33). O tempo tornou-se mais elástico, tornou-se cíclico, até secular.

Rompe-se o tempo crítico. Entra em cena uma nova História. A História Quantitativa (34), para a qual os números, as séries estatísticas, os orçamentos e as contabilidades nacionais, seriam o dado fundamental (35).

Surge então uma nova História Econômica, fundamentalmente estatística (36), a quarta influência recebida pela História Econômica, o quarto encontro entre a História e a Economia (37).

(30). — *Idem, Ibidem.*

(31). — BOUVIER (J.), "L'Appareil Conceptuel dans l'Histoire Économique Contemporaine". *Revue Économique*, 1965., v. XVI, nº 1, p. 3.

(32). — "Se a Escola Histórica de Economia leva a História para a Economia, a Teoria de Interpretação Econômica da História traz a Economia para a História". IGLÉSIAS (F.), In: *Introdução à Historiografia Econômica*. Belo Horizonte, 1959, p. 70; "A Teoria Econômica descreve as formas, a História Econômica a substância". ROBBINS (L.), *Naturaleza y Significación de la Ciencia Económica*. 2a. ed., Trad. esp., México, 1951, p. 65.

(33). — "A intervenção governamental trouxe, por seu turno, três importantes mudanças no domínio da teoria: a emancipação da macroeconomia; a orientação para pesquisas empíricas; a tendência, enfim, de pesquisar sobre a longa duração". KULA (W), "Histoire et Économie: la Longue Durée". *Annales, Economies-Sociétés-Civilisations*, 1960, v. XV, nº 2, p. 297; representa uma antecipação destas tendências. GRAS (N.S.P.), *The Evolution of the English Corn Market*. London, 1926 pas.

(34). — "A História Econômica nasceu aí, entre 1929 e 1932, com o grande impulso dado pela História Científica dos Preços". ... "A História Quantitativa globalizante tem suas primeiras referências por volta de 1930; atravessa seu *take-off* no início dos anos 60; culmina entre 1965 e 1968". CHAUNU (P.), "História Econômica: Retrospectiva e Perspectiva". *Anais de História*, pp. 17-29.

(35). — Cf. GRAS (N.S.B.), "The Rise and Development of Economic History". *The Economic History Review*. 1927, v. I, p. 22, nº 1.

(36). — GODINHO (V. M.), "Histoire Économique et Économie Politique". *Revista de Economia*, 1951. v; IV, nº 3, p. 121.

(37). — BOUVIER (J.), "L'Appareil Conceptuel dans l'Histoire Économique Contemporaine". *Revue Économique*, v. XVI, nº 1.

É um período febricitante no que tange à produção intelectual. Trabalhos excepcionais, que marcariam uma profunda influência nos decênios posteriores, começaram a surgir. A ênfase foi dada ao estudo das flutuações de curta e longa duração; desenvolvimento da técnica das médias móveis, anuais, decenais; conversão dos preços correntes em moeda de prata. A Comissão Internacional para a História dos Preços, presidida por Sir William Beveridge, marca a sua presença no período. Keynes e suas teses estimularam os economistas a usar a História e os historiadores a teorizar em História Econômica (38).

A contribuição de François Simiand foi marcante, tanto no aspecto metodológico quanto no da análise propriamente dita (39). Chamava atenção para o fato de que não se pode alienar do real e perder-se em construções lógicas e artificiais. Mas, dever-se-ia analisar o real com categorias claras e precisas, sempre próximas dos dados: só estas categorias e estas relações dão uma verdadeira inteligência da complexidade do real, constituindo-se portanto, o estudo dos números e das quantidades o instrumento basilar de tal metodologia (40).

Em termos práticos introduziu a utilização racional da estatística na História, o estudo das flutuações longas e curtas, suas relações com os mecanismos monetários, econômicos, sociais e psicológicos. Sua originalidade está na análise das reações sociais face ao movimento dos preços e dos salários e suas relações com o mecanismo dos preços explicados pela flutuação da massa monetária (41).

Igualmente, Lucien Febvre reclamava dos economistas noções positivas e controladas, sobre os diversos modos possíveis de agrupamento, classificação, e de apresentação dos fatos econômicos. Reivindicava para o historiador da economia e para seu uso os modos de agrupamento e articulação dos fatos, mesmo que se tratasse de descrever. Não seria o economista quem preencheria as necessidades do historiador, pois seus conceitos não são transferíveis mecanicamente para toda economia ou sociedade do passado. Postula que as

(38). — HARTWELL (R.M.), "The Causes of the Industrial Revolution. An Essay in Methodology". *The Economic History Review*. 1963. v. XVIII, nº 1, p. 166.

(39). — BLOCH (M.), "Le Salaire et les Fluctuations Économiques à Longue Période." In: *Revue Historique*, 1934. v. CLXXXIII, p. 1.

(40). — BOUVIER (J.), *Artigo citado*, pp. 7-8.

(41). — BOUVIER (J.), "Tendances Actuelles des Recherches d'Histoire Économique et Sociale en France". In: *Aujourd'hui l'Histoire*. Paris, Éd., Sociale, 1974. p. 134.

noções econômicas não devem ser premissas arbitrárias, mas noções induzidas, brotadas do estudo positivo dos fatos.

“Métodos idênticos, portanto, em História Econômica e em economia ‘positiva’. E imediataente as fronteiras entre os dois domínios se apagam. A História Econômica impregna-se de teoria, deixa-se guiar por ela... A História Econômica não passa, no fundo, de economia política dos sistemas ou estruturas revoltas. Tal impregnação não podia deixar de se revelar feliz: a História ultrapassa definitivamente o estágio da pura coleção de fatos, aborda, formula e tenta resolver problemas de desmontagem e funcionamento estrutural” (42).

Exemplo magnífico da nova postura metodológica foi o livro de Ernest Labrousse sobre o movimento geral dos preços na França do século XVIII (43), publicado em 1933. Dez anos mais tarde, um novo livro (44), que Fernand Braudel considerou o mais importante da historiografia francesa nos últimos 25 anos (45). George Lefebvre traça um paralelo entre Labrousse e Simiand. Demonstra que Simiand partia das estatísticas e procurava remontar à causa dos fatos e à elaboração de uma teoria, com um desdém pouco dissimulado pelos acontecimentos históricos. Labrousse, ao contrário, pesquisava a causa das flutuações de longa duração ou cíclicas, e examinava se os movimentos de preços, salários e outras rendas, que ele constatou no período escolhido, encontravam-se nos períodos precedentes e ulteriores. Visava acima de tudo às conseqüências históricas dos acontecimentos e não a seus antecedentes racionais. Em suma, Simiand era mais abstrato, talvez mais filósofo, o que confirma, aliás, a disciplina matemática da Estatística. Labrousse era muito mais concreto. Além do que, no que concerne ao método, havia uma diferença capital. O primeiro partiu de dados já compilados sem muita crítica, ao passo que o último pesquisou fatos novos de fontes inéditas (46).

(42). — GODINHO (V. M.), “Histoire Économique et Économie Politique”. *Revista de Economia*, 1951, v. IV, nº 3, p. 122.

(43). — Cf. LABROUSSE (E.), *Esquisse du Mouvement des Prix et des Revenues en France au XVIIIe Siècle*. Paris, 1933.

(44). — Cf. LABROUSSE (E.), *La Crise de l'Économie Française à la Fin de l'Ancien Régime et au Début de la Révolution*. Paris, 1944.

(45). — BRAUDEL (F.), “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. *Revista de História*, 1965, v. XXXI, nº 62, p. 267.

(46). — LEFEBVRE (G.), “Le Mouvement des Prix et les Origines de la Révolution Française”. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, 1937, v. IX, nº 44. p. 155.

No modo de ver do próprio Labrousse, a sua História era ao mesmo tempo sociológica e tradicional. Tradicional, porque não menosprezava, no acontecimento, o indivíduo e a sorte. Nova porque tende a assimilar a sociologia, a estudar os conjuntos, a buscar o fato dominante. Mas, ao assimilar a sociologia, ao estabelecer laços com as disciplinas afins, renova-las-á, revoluciona-las-á, ao proporcionar-lhes o método histórico, substituindo concretamente, na sociologia econômica, a velha economia conceptual, abstrata, introspectiva, por uma economia positiva de observação estatística, de psicologia social reconstituída por etapas em sua permanência ou em sua variação; uma ciência econômica que colocará, ao lado de cada afirmação, um documento (47).

Coube a E. Labrousse a colocação de problemas essenciais, tais como a repartição desigual das rendas e seu papel nos conflitos sociais; a análise das razões profundas das revoluções ocorridas na França no século XVIII e XIX; a relação entre os movimentos longos e os movimentos curtos, responsáveis pelos sobresaltos sociais e crises políticas decisivas; a criação original do conceito de “crise do antigo tipo” (48).

O trabalho de E. J. Hamilton veio enriquecer sensivelmente os estudos de História Quantitativa. Suas teses sobre o afluxo do ouro

(47). — LABROUSSE (E.), *Fluctuaciones Económicas y Historia Social*. Trad. esp., Madrid, 1962, p. 478.

(48). — BOUVIER (J.), *Obra citada*, pp. 134-135.

(49). — Sobre HAMILTON (E.J.), vide VILAR (P.), “Histoire des Prix, Histoire Générale.” *Annales, Economies-Sociétés-Civilisations* 1949, v. IV, nº 1, pp. 29-45; BLOCH (M.), “L’Histoire des Prix: Remarques Critiques”. *Annales d’Histoire Sociale*, 1939, v. I, nº 2, pp. 141 e segs. Em torno da revolução dos preços, o próprio E. J. Hamilton, “Monetary Inflation in Castile, 1598-1660.” In: *Economic History*, 1931, v. II, nº 6, pp. 171-212; CIPOLLA (C. M.), “La Prétendue Révolution des Prix et l’Expérience Italienne.” *Annales, Economies-Sociétés-Civilisations*, 1955, v. X, nº 4, pp. 513-516. Neste artigo, considera-a que o conceito não é válido para a Itália, opinião esta que é contraditada por CHABERT (A.), “Encore la Révolution des Prix au XVIIe Siècle.” *Annales, Economies-Sociétés-Civilisations*, 1957, v. XII, nº 2, pp. 269-274. Outros trabalhos demonstram a fecundidade do problema: KOENIGEBERGER, (H. G.), “Property and the Price Revolution (Hainault, 1474-1573).” *The Economic History Review*, 1956, v. IX, nº 1, pp. 1-15; BRENNER (Y. S.), “The Inflation of Prices in Early Sixteenth Century England.” *The Economic History Review*, 1961, v. XIV, nº 2, pp. 225-239; BRENNER (Y. S.), “The Inflation of Prices in England.” *The Economic History Review*, 1962, v. XV, nº 2, pp. 266-284; HOSZOWSKY (S.), “L’Europe Centrale Devant la Révolution des Prix.” *Annales, Economies-Sociétés-Civilisations*, v. XVI, nº 3, pp. 441-456; VILAR (Pierre), “Consideraciones sobre la Historia de los Precios.” In: *Crecimiento y Desarrollo*. 2a. ed., Ariel, Barcelona, 1974. pp. 186-193.

americano e a inflação dos preços continuam a suscitar polêmicas e novas pesquisas (49). Sua preocupação em transportar conceitos desenvolvidos pela moderna teoria econômica para analisar aspectos da História Econômica da época do capitalismo comercial, com a dupla finalidade de melhor entender aquele processo passado e possibilitar, talvez, uma melhor compreensão das economias subdesenvolvidas atuais (50), tem gerado críticas sérias, que entretanto, não conseguem invalidar o trabalho precursor de E. J. Hamilton. Sendo um economista de formação, não seria por acréscimo um historiador? (51).

Assiste-se, em seguida, a uma ampliação cronológica e geográfica dos estudos de preços. A obra marcante, neste aspecto, é *Seville et l'Atlantique*, de Pierre e Huguette Chaunu. Trabalho monumental em 12 volumes (1955-1960), referente ao comércio marítimo de Espanha nos séculos XVI e XVII. Pontifica neste período a produção da VI Seção da Escola Prática de Altos Estudos. Ruggiero Romano estudou o comércio do Reino de Nápoles com a França e os países adriáticos no século XVIII (52). Carlo M. Cipolla, os movimentos monetários no Estado de Milão (53). Romano voltou ao estudo das relações comerciais, enfatizando o preço do trigo em Marselha no século XVIII (54). Frank C. Spooner mostrou a relação de conjunto envolvendo a economia mundial e a cunhagem monetária da França (55). O preço dos cereais extraídos das mercuriais de Paris foi estudado com exaustão estatística por Jean Meuvret e Micheline Baulant (56). A contribuição da VI Seção foi muito importante na extensão do campo de estudo e aprofundamento do método de análise. O essencial deste método reside na adoção de técnicas quantitativas (57).

Foi exatamente neste quadro de desenvolvimento da História apoiada em séries numéricas que eclodiu uma nova *História Quanti-*

(50). — MAURO (F.), *Nova História e Novo Mundo*. Trad. port. São Paulo, 1969, p. 45.

(51). — BRAUDEL (F.), "De l'Histoire d'Espagne à l'Histoire des Prix". *Annales, Économies-Sociétés-Civilisations*, 1951, v. VI, nº 2, p. 206.

(52). — Cf. ROMANO (R.), *Le Commerce du Royaume de Naples avec la France et les Pays de l'Adriatique au XVIIIe Siècle*. Paris, 1951.

(53). — Cf. CIPOLLA (C.M.), *Mouvements Monétaires dans l'État de Milan (1580-1700)*. Paris, 1952.

(54). — Cf. SPOONER (R.), *Commerce et Prix du Blé à Marseille au XVIIIe Siècle*. Paris, 1956.

(55). — Cf. SPOONER (F.C.), *L'Économie Mondiale et les Frappes Monétaires en France, 1493-1680*. Paris, 1956.

(56). — Cf. BAULANT (M.), et MEUVRET (J.), *Prix des Céréales Extraits de la Mercuriale de Paris*. 1960, v. 2, Paris.

(57). — Para uma análise global e bastante atualizada da produção da VI Seção, recomendamos o excelente balanço de LADURIE, (E. de le Roy), In: *Le Territoire de l'Historien*. Paris, Éd. Gallimard, 1973, pp. 23-37.

tativa. Era o fruto, em parte, do marxismo preocupado em considerar as grandezas coletivas, e da crescente intervenção do Estado na Economia, da passagem do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista, onde ganha relevo o estudo dos agregados gerais. O esforço orientou-se no sentido da elaboração de modelos, esquemas teóricos que estabeleçam tanto quanto possível relações matemáticas, bem como a verificação estatística dos modelos a fim de avaliar os seus desvios em relação à realidade. Estes esforços levaram também ao recolhimento de dados numéricos e qualitativos, da vida econômica objetiva, a fim de cartografá-los e analisá-los estatisticamente, de modo a conhecer as condições concretas e os mecanismos reais (58).

Simon Kuznets é um dos iniciadores desta nova forma de História Econômica (59). Insiste que a capacidade de um indivíduo na observação das mudanças históricas em agregados sociais é muito limitada. Ele pode perceber episódios conspícuos, mas sua observação direta pode captar apenas uma fração dos acontecimentos. Tem limitações outras, como espaço, tempo e recursos. Pode estudar relatórios e discussões, o que é altamente seletivo, porque sobreviveram e são conhecidos apenas porque certos aspectos da vida social foram escolhidos para relatório. Tendo em vista a brevidade da vida e a limitação física de um indivíduo, em contraste com a vida e dimensões materiais dos agregados sociais, o escopo da observação direta é muito estreito para enquadrar mais do que a fração de um minuto da vida e a magnitude do agregado social. A formação dos dados estatísticos também é altamente seletiva e tem *bias*. Estes dados, entretanto, não são o fruto de um único observador (60). De qualquer forma, a matéria-prima para o estudo das mudanças históricas é inevitavelmente seletiva; cobertura exaustiva de qualquer fenômeno é impossível. Daí a importância dos dados estatísticos, que representam observações numéricas dos agregados sociais. A ênfase nos agregados torna os dados estatísticos particularmente apropriados para o estudo das sociedades humanas. É verdade, porém, que o quadro estatístico de análise terá que se subordinar a uma visão mais ampla das mudanças sociais, que usaria todo tipo de dado e mais de um método de análise (61).

(58). — GODINHO (V.M.), *Introdução à História Econômica*. Lisboa, (s.d.), p. 59.

(59). — MARCZEWSKI (J.), *Introduction à l'Histoire Quantitative*. Genève, 1965, p. 40.

(60). — "Society, through its commanding organs, produces statistical data". KUZNETS (S.), "Statistical Trends and Historical Changes". *The Economic History Review*, 1951, v. III, nº 3, p. 266.

(61). — *Idem*. Artigo citado. p. 278.

Na esteira desta tendência, os economistas-historiadores e os historiadores-economistas, em torno de W. W. Rostow, discutiam as hipóteses do *take-off* (62).

Em nome desta nova História Quantitativa, J. Marczewski publicou um manifesto em 1961 (63), no qual a considerava

“um método de História Econômica que integra todos os fatos estudados num sistema de contas interdependentes e que tira conclusões sob a forma de agregados quantitativos, inteira e unicamente, pelos dados do sistema” (64). “O modelo a ser utilizado deveria ser a contabilidade nacional, que permitiria descrever com precisão todos os estágios das atividades econômicas, desde a extração da matéria-prima até o consumo final, passando pela fabricação dos produtos, distribuição da renda, despesa, poupança e investimento” (65). “A unidade de tempo básica é decenal” (66).

Quando Marczewski reivindicou para o seu método a exclusividade da História Quantitativa, considerando que outros trabalhos anteriores apenas usaram os números como ilustrações, ou o fizeram de uma forma tímida e fragmentária (67), provocou repercussões profundas e vivos protestos. Pierre Chaunu respondeu a estas afirmações, desencadeando uma série de artigos e contra-artigos. A seu ver, a História Quantitativa é uma História das massas considerada sua evolução fundamental e contínua de longa duração. Ela ignora os homens e os fatos excepcionais. Pode servir para perceber as descontinuidades provocadas pelas mudanças qualitativas, mas não é capaz de descobrir a sua origem. Dadas estas lacunas, a História Quantitativa não sabe fornecer uma explicação completa da evolução que ela relata. Os homens e os fatos excepcionais, as rupturas maiores de

(62). — ROSTOW (W.W.), *El Proceso del Crecimiento Económico*. Trad. esp. Madrid, 1967. *Idem*, *As Etapas do Desenvolvimento Económico (Um Manifesto não-Comunista)*. Trad. port., Rio de Janeiro, 1961.

(63). — MARCZEWSKI (J.), “Qu'est-ce que l'Histoire Quantitative”. Cahiers de l'Institut de science économique appliquée, n° 115, 1961, Série AF, reproduzido em *Introduction à l'Histoire Quantitative*, Genève, 1965, pp. 1-47.

(64). — *Idem*, *Ibidem*, p. 15.

(65). — *Ibidem*, p. 14.

(66). — *Idem*, *Ibidem*, p. 30.

(67). — “Para MARCZEWSKI (M.), a História Econômica escrita pelos historiadores não merece ser plenamente chamada Quantitativa, pois os historiadores retêm apenas certos aspectos da evolução econômica e as sínteses que propõem são fundadas sobre análises incompletas.” DAUMARD (A.), “Données Économiques et Histoire Sociale.” *Revue Économique*, 1965, v. XVI, n° 1, p. 65.

continuidade são para ela variações exógenas, que ela transfere para a História Qualitativa. O que consegue é reunir uma massa de dados numéricos e uma série de elementos coerentes e explicativos em si mesmos, mas pouco utilizáveis face aos elos explicativos com as variáveis específicas de toda História (68). O que se pode fazer em termos de História Econômica apoiada em dados numéricos, é o levantamento de séries, que permitiriam mais tarde uma interpretação global; a isto chama “História Serial” (69).

Num balanço dos resultados obtidos pela História Serial, Chaunu formula três leis. A primeira é a conquista da dinâmica conjuntural, a estrutura ondulante das economias e das sociedades é universal. Em segundo lugar ela permite afirmar a existência de uma conjuntura econômica. Finalmente, observa-se uma tendência à atenuação das amplitudes e a redução dos períodos (70). Mais recentemente, a História Serial, mais econômica e social até o momento, assalta o *terceiro nível*, isto é, a análise do essencial, do efetivo, do mental, do psíquico coletivo... digamos melhor, dos sistemas de civilizações (71).

A resposta de Marzewski contribui para esclarecer melhor a sua posição a respeito da História Quantitativa, a qual considerou não mais do que um método de pesquisa no domínio da História Econômica, e que não exclui o recurso à História Qualitativa, à qual daria uma complementação indispensável (72).

Quanto à “História Serial”, disse ser uma primeira etapa da História Quantitativa, pois que ela coloca ao mesmo tempo as séries cronológicas verticais, que representam a evolução de uma mesma categoria de fenômenos no tempo, e dados horizontais, que analisam a estrutura formada pelos fenômenos pertencentes a um mesmo período. A História Quantitativa poderia ser comparada então a uma ca-

(68). — CHAUNU (Pierre), “Histoire Quantitative et Histoire Sérielle”. *Cahiers Vilfredo Pareto*. Genève, 1964, nº 3, pp. 165-175. Apud VILAR (P.), “Pour une Meilleure Compréhension entre Économistes et Historiens ‘Histoire Quantitative’ ou Économétrie Rétrospective?” *Revue Historique*, 1965, v. CCXXXIII, p. 302.

(69). — Histoire Quantitative ou Histoire Sérielle? Les deux adjectifs, dans la pratique, sont employés indifféremment. J’ai proposé, sans trop de succès et sans toujours respecter une ligne de partage fragile une définition qui évite la confusion en spécialisant les usages.” CHAUNU, P. “Pour une Histoire Sérielle du Brésil au XVIIIe Siècle. Reflexions Préalables.” *Revue d’Histoire Économique et Sociale*. 1971, v. XLIX, nº 4, p. 465.

(70). — CHAUNU (Pierre), “La Durée, l’Espace et l’Homme à l’Époque Moderne.” In: *Histoire Science Sociale*, Paris, SEDES, 1974. p. 65-66.

(71). — *Idem*, *Ibidem*, p. 73.

(72). — MARCZEWSKI (J.), “Quelques Observations sur l’Article de M. Chaunu.” *Cahiers Vilfredo Pareto*, Genève nº 3, 1964, pp. 177-180. Transcrito em *Introduction a l’Histoire Quantitative*, Genève, 1965, p. 48.

deia de três dimensões, na qual a História Serial constrói as colunas e onde a contabilidade nacional define os estágios. A História Serial é a condição primeira e indispensável da História Quantitativa. Mas a História Serial sem a síntese horizontal fornecida pela História Quantitativa nada mais é do que uma grande obra inacabada (73).

O debate estimulou a participação de outros historiadores (74). Pierre Vilar atribuiu o fato a uma crise de crescimento das ciências humanas, à tendência de se evadir do seu campo específico, seja pela adoção de modelos da física ou da biologia, seja pela atribuição aos fatos humanos de estruturas externas (75). O manifesto de J. Marczewski não deixou, entretanto, de encontrar acólitos fiéis (76).

François Furet, menos envolvido na polêmica entre os partidários da História Quantitativa e da História Serial, consegue, com um certo equilíbrio, uma abordagem razoável da questão. Considera que o termo História Quantitativa designa tanto um tipo de fonte, como um tipo de procedimento, quanto um tipo de conceitualização do passado. Entre História Serial e Quantitativa o que existe de comum é a substituição do acontecimento pela série, isto é, a construção dos dados históricos em função de uma análise probabilista. As principais restrições são a ausência de dados, uma questão de circunstância, ou a natureza qualitativa irredutível do fenômeno estudado, o que é uma questão de fundo.

Apesar de tudo, Furet considera a História Serial como uma das contribuições mais fecundas do conhecimento histórico nos últimos 20 anos, e teve o condão de trazer para a História

“um rigor e uma eficácia superior àquelas oferecidas pela História Qualitativa” (77),

o que sem qualquer dúvida é um gritante exagero.

(73). — MARCZEWSKI (J.), *Obra citada*, p. 48.

(74). — “L'Histoire Qualitative, l'Histoire Ponctuelle, l'Histoire Sérielle et l'Histoire Quantitative forment un arsenal de méthode convergentes qui tendent toutes vers le même but final”. MARCZEWSKI (J.), *Introduction à l'Histoire Quantitative*, Genève, 1965, p. 51.

(75). — VILAR (P.), “Pour une Meilleure Compréhension entre Économistes et Historiens 'Histoire Quantitative' ou Économétrie Rétrospective?” *Revue Historique*, v. CCXXXIII, 1965, p. 298.

(76). — Reunidos em torno de J. Marczewski, um grupo de historiadores e economistas se propõe a reconstruir a História Quantitativa da França durante o século XIX, ou até o limite permitido pela documentação. Seus trabalhos são publicados pelo I.S.E.A.

(77). — “A História Serial não significa apenas uma transformação do material histórico, marcou uma revolução na consciência historiográfica”. FURET (F.), “Le Quantification en Histoire.” In: *Faire de le Histoire*. Dirigido por J. Le Goff e Pierre Nora, Paris, Éd. Gallimard, 1974, 3 v., p. 59.

Enquanto na França continuava o debate entre a História Serial e a História Quantitativa, nos Estados Unidos o movimento iniciado por Simon Kuznets, na década de cinquenta, era redinamizado pelo surgimento duma *New Economic History* ou História Econométrica ou, ainda *cliometrics* (78). O significado desta nova História econômica era propagado com estardalhaço, como se uma revolução estivesse ocorrendo na História Econômica dos Estados Unidos. Iniciada por uma geração nova de historiadores, céticos quanto às interpretações tradicionais e convencidos de que uma nova História Econômica deveria estar firmemente assentada em dados estatísticos. Várias questões teriam que ser reavaliadas à luz do novo método. O problema da lucratividade da escravidão no sul dos Estados Unidos, antes da guerra de Secessão, o papel das estradas de ferro no desenvolvimento americano durante o século XIX e a importância da guerra civil no aceleração da industrialização (79).

Quatro são as proposições fundamentais: definir precisamente as questões objeto da análise e definir operacionalmente as variáveis relevantes; construir modelos abrangentes para a resposta às questões colocadas; levantar evidências quantitativas e qualitativas; testar o modelo em relação aos dados levantados (80).

Segundo R. W. Fogel, uma das principais estrelas da nova História Econômica, a armadura metodológica da nova abordagem está na ênfase da mensuração e no reconhecimento do íntimo relacionamento entre mensuração e teoria. A ferramenta mais utilizada é a análise regressiva, sendo a falta de dados a limitação mais séria. Isto não invalida o método, porque, *quanto mais pobres forem os dados, mais poderosos têm que ser os métodos aplicados* (81). Disto decorre que a base fundamental do sucesso está na habilidade do investigador em equacionar métodos que sejam excessivamente eficientes na utilização dos dados, isto é, um método que permita encontrar a solução dos problemas com os dados limitados à disposição. O modelo supera os dados, e os substitui (82).

(78). — FOGEL (R. W.), "The New Economic History, its Findings and Methods." *The Economic History Review*, v. XIX, nº 3, p. 643.

(79). — NORTH (D.), "Quantitative Research in American Economic History." *The American Economic Review*, v. LIII, nº 1, pp. 128-129.

(80). — DAVIS (L.), "Professor Fogel and the New Economic History". *The Economic History Review*, v. XIX, nº 3, p. 657.

(81). — FOGEL (R.W.), obra citada, pp. 652-653.

(82). — Sobre os alcances e limites da História Quantitativa, veja-se a lúcida interpretação de AYDELOTTE (W. O.), *Quantification in History*. Massachusetts. Addison-Wesley, 1971.

Considera ainda o autor citado que a verdadeira diferença entre a nova História Econômica e seus predecessores, está na abordagem especificativa dos modelos, mais do que na frequência com que são utilizados (83). Os modelos estatísticos servem, assim, não somente para descrever, mas também para inferir.

Vários impecilhos limitam (84) senão a realização, pelo menos a validade interpretativa desta nova História Econômica (85). Primeiramente, que o recuo no passado demonstraria a falta e a fragilidade dos dados, que permitem no máximo uma História Serial. Isto reduziria bastante o campo de ação, circunscrevendo-o ao século XIX. O caráter “revisionista” restringe igualmente o campo de ação, pois, esgotados os temas que suscitam discussões, terminaria também a utilidade do novo método. O interesse tem sido mais o de discutir as opiniões amplamente divulgadas do que a investigação estrutural e dinâmica de uma dado problema econômico. A mais, a técnica da simulação, isto é, de supor que certas variáveis conhecidas do processo histórico não ocorreram, com a intenção de provar por oposição, que pode ser muito sugestiva, mas é pouco eficiente em termos históricos (86).

No quadro da História Econômica, a História Quantitativa tem hoje em dia um papel de realce. Adquiriu várias nuances nos últimos 40 anos. Evoluiu de Simiand para Labrousse, Chaunu e Mauro. Com Marczewski e a *New Economic History* extremou-se no sentido da econometria, mais do que da História.

Que postura adotar face a estas tendências? Que método adotar na elaboração de um trabalho?

A História Quantitativa não é um fim em si mesma, mas um meio de aprender as realidades econômicas (87). A adoção dos instru-

(83). — FOGEL (R.W), “The Specification Problem in Economic History”, *Journal of Economic History*, v. XXVII, 1967, p. 284.

(84). — A propósito da História Quantitativa americana, e, principalmente as discussões em torno das análises hipotéticas, veja-se ANDREANO (Ralph L.), *La Nuova Storia Economica*. Trad. italiana. Torino, Einaudi, 1975.

(85). — DISAI (M.), “Some Issues in Econometric History”. *The Economic History Review*, 1968, v. XXI, nº 1, pp. 1-16.

(86). — “Estes conceitos, estes modelos são unicamente hipóteses de trabalho a confrontar com a realidade.” “Eles são válidos somente para curtos e médios períodos, enquanto a História visa principalmente às tendências seculares.” MORRISSON (C.), Note sur l'Application de Certains Concepts Économiques en Histoire. *Revue Économique*, 1965, v. XVI, nº 1, pp. 129-131; “A medida que retrocedemos, verificamos que os aspectos econômicos da vida se distinguem menos de outros aspectos do que hoje em dia.” HICKS (J.), *Um Teoria de História Econômica*. Trad. port., Rio de Janeiro, 1972, p. 9.

(87). — HAUSER (H.), “L'Histoire des Prix: Cont'overse et Méthode.” *Annales, Economies-Sociétés-Civilisation*, 1938, v. XXXVIII, p. 166; HAMIL-

mentos de mensuração fornecidos pelos economistas tem significado um esforço constante de redefinição conceitual, e o resultado é que o refinamento metodológico tem trazido incertezas e constante mudança de perspectiva (88). O que não se pode permitir é que a História Quantitativa degenere num exercício estéril de lógica (89). Efetivamente, não é a única explicação da História. Busca a simplificação da realidade humana do passado. Trata-se de uma aproximação parcial, mas com a nítida vantagem de empregar a evidência im pessoal e complexa da estatística (90).

A crítica mais acurada à História Quantitativa de qualquer tipo que seja tem sido feita pelos pensadores marxistas. Pierre Vilar e outros apontam a limitação imposta pelos dados quantitativos; a decomposição do processo econômico em fatias decenais, ou a criação de decênios aberrantes, tal como o decênio de 1925 a 1934, que acabou por liquidar com a crise de 1929 (91).

A tentativa de transformar a História Econômica numa História técnica, matemática, com a adoção de modelos rigorosos, tem uma conotação ideológica, pois descarta as preocupações marxistas e acaba por apresentar uma História linear, sem conflito de classes e que sob uma aparência científica refinada surge, na verdade, uma História apologetico do crescimento eterno do capitalismo eterno (92).

No fundo, poder-se-ia dizer que os quantitativistas caem na velha ilusão cientificista da analogia entre as ciências exatas e as ciências humanas, e a idéia que o que é racional é aquilo que é matematisável. Seu grande perigo é que realizando análises particulares, per-

TON (E. J.), *El Florecimiento del Capitalismo y Otros Ensayos de Historia Económica*, Trad. esp., Madrid, 1948, p. 2.

(88). — BAEHREL (R.), "Histoire Statistique et Prix Italiens." *Annales, Economies-Sociétés-Civilisations*, 1954, v. IX, nº 2, p. 226.

(89). — "Credo nell'utilità della storia dei prezzi, quando questa sia condotta a essere costruita in funzione d'una totalità economica; animata da principi economici solidamente assimilati, e non da formule economiche apprese in modo esterno; desiderosa, infine, d'aprirvisi vie nuove, anche a costo d'urtarsi ad insuccessi." ROMANO (R.), "Storia dei Prezzi e Storia Economica". *Rivista Storica Italiana*, 1963, v. LXXV, nº 11, p. 268.

(90). — BRAUDEL (F.), SPOONER (F.), "Prices in Europe from 1450 to 1750", In: *The Cambridge Economic History of Europe*, Dirigido por M. Postan e H. J. Habakkuk. Cambridge, 1967, v. IV, p. 375.

(91). — VILAR (Pierre), "Para una Mejor Comprensión entre Economistas e Historiadores 'Historia Quantitativa' ou Econometria Retrospectiva." In: *Que és la Historia Quantitativa?*, Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1971, pp. 71-97.

(92). — BOUVIER (Jean), "Tendances Actuelles des Recherches d'histoire Economique et Sociale en France". In: *Aujourd'hui l'histoire*. Paris. 1974. Éd. Sociale, p. 142.

cam de vista o caráter fundamental do objeto histórico, a totalidade (93).

A aplicação da matemática às ciências sociais é útil, desde que permita um aprofundamento das questões analisadas. Foi exatamente este tipo de combinação entre análise qualitativa e estatística que permitiu a Lenin a compreensão dialética dos movimentos revolucionários e as greves trabalhistas na Rússia. Mesmo o emprego de computadores pode permitir o aprofundamento da História das massas populares e permitir a análise comparativa e, por conseguinte, ter uma visão mais clara da História Nacional como parte de uma totalidade mais ampla (94).

Em conclusão, consideramos que a utilização dos instrumentos estatísticos foi uma exigência do capitalismo monopolista em crise. De fato, esta História Econômica surgia intimamente ligada à crise estrutural dos anos 30. Nesta medida, esta História estatística vincula-se à ideologia do sistema capitalista, para o qual o estudo estatístico da economia do passado poderia obviar crises futuras. Era, portanto, uma História *engajada*, mesmo que os seus seguidores a isto não se propusessem conscientemente.

A grande limitação desta História Econômica está no fato de que é necessário ir além dos dados para compreender a História do homem; é necessário captar as estruturas mais profundas, que meia dúzia de dados estatísticos ou modelos econométricos não são capazes de traduzir. Para atingirmos o âmago da explicação da História, o concurso de muitos elementos é indispensável. Nessa medida, e apenas nestes limites, é que o tratamento quantitativo dos dados, a realização de modelos, a adoção de testes de credibilidade das hipóteses, têm sentido, porque permitem o aprofundamento até a compreensão do processo subjacente.

Pensamos que o esquisador, o historiador, em suma o cientista social não deve se descartar sumariamente da História Quantitativa, deve, pelo contrário, transformá-la num instrumento útil, cuidando para que os dados não se transformem em um fim em si mesmos, e sim num meio que nos permita aprofundar, reavaliar, testar, e no limite inovar os conceitos da História Econômica. O quantitativo aqui é entendido como um instrumento através do qual se pode adensar a análise qualitativa e não substituí-la.

(93). — CASANOVA (A.), e HINCKER (F.), *Aujourd'hui l'Histoire*. Paris, Éd. Sociale, 1974, p. 27.

(94). — KAHK (J.), "Une Nouvelle Science Historique". In: *Aujourd'hui l'Histoire*. Paris, Éd. Sociale, 1974, pp. 143-161.